

NO PINTCHA

ÓRGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

EVACUAÇÃO DE DOENTES EM CONSELHO DE MINISTROS

O Conselho de Ministros decidiu, na quarta-feira passada, a criação de uma comissão de estudo sobre a assistência aos doentes evacuados para o estrangeiro. Igualmente, o Governo aprovou os decretos relativos a, por um lado, ao aleitamento materno e alimentação artificial e por outro, à disjunção de pessoal para a casa civil e casa militar de Presidência.

O Conselho de Ministros discutiu o problema da luta anti-Oncocercose, dentro da óptica de um projecto de Senegâmbia que engloba o Mali, o Senegal e a República da Guiné e em relação ao qual a Guiné-Bissau e a Serra Leoa pediram a adesão em 1979. Entre outras decisões adoptadas nessa reunião semanal do Conselho de Ministros, ficou decidida para 16 a 19 de Novembro próximos a reunião ministerial dos países menos avançados, PMA e, ainda, o Comité de Estado da Cidade de Bissau foi autorizado a assinar um acordo de geminação entre a cidade de Bissau e Lisboa. Esse carácter de geminação é designado a duas municipalidades de diferentes países que, de acordo comum, se consideram «gêmeas» e se ajudam mutuamente.

Quanto ao estudo sobre assistência aos doentes evacuados, de que nos referimos no princípio deste texto, trata-se da preocupação oficialmente manifestada pelo Ministério da Saúde e Assuntos Sociais da necessidade de se estabelecer critérios mais justos para esta questão. De acordo com um memorando da Presidência do Conselho da Revolução, anexo ao documento da Saúde, havia sido emitido um despacho do Presidente do CR que atribui ao Ministério das Finanças e à Direcção-Geral da Função Pública, o estudo da «hipótese de instituição de um desconto obrigatório para essa assistência»...

A Comissão ora criada será presidida pelo Primeiro-Ministro e integrada pelos ministérios da Saúde, das Finanças e da Administração Interna e pelo Instituto de Previdência Social.

★ ANGOLA: RACISTAS AVANÇAM 250 Km (pág-7)

SEYCHELLES: GOVERNO CONTROLA A SITUAÇÃO



um «pequeno grupo de militares irresponsáveis», que tinham tomado como reféns mais de 200 pessoas e ocupado as instalações da Rádio Nacional e diversos edifícios administrativos durante mais de 36 horas.

As tropas leais ao governo, apoiadas por um destacamento tanzaniano instalado no país, tomaram o controle de todos os pontos estratégicos ocupados pelos revoltosos, que protestavam contra as condições de vida e pediam a expulsão da hierarquia militar, que lhes infligia maus tratamentos.

O Governo das Seychelles pôs fim, na quarta-feira passada, à rebelião de



PRODUTOS QUE FALTAM PRODUTOS QUE ESTRAGAM

Prejuízos calculados em mais de um milhar de contos é o resultado das visitas de inspecção levadas a cabo pela Comissão de Saneamento às Galerias d'Amura, Sucursal da Praia e aos armazéns n.ºs 1, 2, 3 e 4, todos eles pertencentes aos Armazéns do Povo. Os produtos mais afectados são os enlatados,

havendo ainda a destacar outros como ovos, presunto, alimentação para bebés, vinhos, bolachas, entre outros.

A Comissão, que integra representantes de diversos organismos estatais, constatou diversas anomalias, consideradas comuns a todos os armazéns da empre-

sa, tanto no manuseamento como no armazenamento das mercadorias, o que merca a sua deterioração. Já foi dado conta ao Governo do ocorrido, enquanto se programam acções conjuntas com vista a evitar casos do género que muito pesam na já débil economia do país. (Ver pág. 8)

EXPORTAÇÕES: PESCADO EM PRIMEIRO

As importações da Guiné-Bissau no primeiro trimestre deste ano, em mercadorias, foram no valor de 516 390 mil pesos e, em contrapartida, as nossas exportações foram na ordem de 48 562 mil pesos. A taxa de cobertura foi de 9,4 por cento.

As importações com o título «abastecimento para artesanato, comércio, indústria e administração atingiram um montante de 159 039 mil pesos, o que corresponde a 30,8 por cento das nossas importações.

Nas importações por continente, a Europa figura em primeiro lugar, donde importámos mercadorias no valor de 367 042 mil pesos. O continente americano está em segundo lugar. Por país, Portugal ocupa o primeiro lugar.

Os produtos do mar ocupam o primeiro plano nas exportações, num valor de 36 732 mil pesos, o que corresponde a 75,6 por cento de todas as exportações do primeiro trimestre do ano de 1982, seguidos dos produtos industriais.



Disparidade dos preços

Ao camarada Director do Jornal «Nô Pintcha»:

Com pedido de publicação, venho com este ocupar mais uma vez a coluna dos leitores do nosso/vosso trisemanário «Nô Pintcha».

O assunto que queria abordar relaciona-se com a disparidade dos preços praticados nas mercearias (tabernas), especialmente dos comerciantes mauritanianos (Nares).

Uma pessoa sai duma dessas lojecas para outra e já vai encontrar um outro preço para o mesmo artigo da loja anterior.

Com isso onde irá parar o nosso Comércio?

E onde estarão metidos os ditos fiscais que só sabem «embrulhar» com as nossas velhas bideiras de vinho, tabaco, peixe e outros artigos.

Isto deixa entender que com os fiscais passa-se alguma coisa em relação a esses comerciantes.

Tomei a iniciativa de fazer esta carta porque já passou comigo muitos factos de género que passo a citar apenas para ilustrar a afirmação: uma vez fui comprar baralho de cartas que custava 90,00 numa dessas lojecas. Achando-o caro, fui à outra. Então levei uma paulada na cabeça, pois custava 150,00; uma embalagem de papa «NESTUM» custa numa 70,00 enquanto noutras é vendido 85,00.

Afinal, será que a direcção do Comércio pratica preços diferentes para cada comerciante ou esses comerciantes dão-se ao luxo de praticar os preços a seu belo prazer? Penso que é altura de rever a situação, pois não se admite que enquanto as autoridades correm com umas sanguessugas do nosso povo, surjam outras em sua substituição, que aproveitam das fracas estruturas do Estado para sugar este povo mártir.

JOFRAME BAIÓ

Pedidos de correspondência

Jovem americano deseja corresponder com jovens da República da Guiné-Bissau, em inglês ou português.

Os interessados podem escrever para Milton Fintelteins - 19 Vicent Street - Newark, New Jersey 07105 - USA.

Jovem guineense de 18 anos de idade pretende trocar postais, selos e criar amizade sincera com jovens de Portugal, Brasil, Cabo Verde, Angola e Moçambique. Escrever para José Majlam Jassi - ao cuidado de Malam Marna - Caixa Postal 237 - Bissau República da Guiné-Bissau.

Na Guiné-Bissau: Centro regional para crianças desnutridas

Um projecto de instalação de um centro regional para a formação das crianças desnutridas e diminuídas mentais poderá arrancar na Guiné Bissau até ao fim deste ano. Esta informação foi-nos Prestada pelo Presidente Internacional do Fundo Mundial de Ajuda à Criança Africana (WFAAC), dr. Alexander Mappa, que chegou quarta-feira à nossa capital, acompanhado da Secretária-Geral daquela instituição, professora Fuller.

O dr. Mappa permanecerá no nosso país durante cerca de uma semana e meia para a realização de estudos preliminares para o efeito, que incluem a

purificação da nossa água.

O Presidente do WFAAC enquadrou esta sua deslocação na sequência do encontro que teve com o camarada João Bernardo Vieira em Tripoli, aquando da recente cimeira da OUA, e realçou a disponibilidade manifestada pelo nosso país em acolher a iniciativa, disponibilidade que classificou de muito positiva.

O centro regional receberá crianças provenientes de alguns países da nossa região, o que, segundo o dr. Mappa, contribuirá para o conhecimento e confraternização das mesmas.

Para a concretização da iniciativa a WFAAC conta com o financia-

mento da UNICEF, organização com a qual já foram estabelecidos contactos, de dois países do Golfo e de certas organizações internacionais canadianas.

De referir que depois da realização de estudos preliminares, uma comissão técnica deslocar-se-á ao país, durante a última semana de Outubro, a fim de examinar outros aspectos ligados ao projecto.

Instado a pronunciar-se sobre a questão da purificação da nossa água, Alexander Mappa precisou que alguns países africanos beneficiam do referido projecto, sendo por isso justo que a Guiné-Bissau seja contemplada.

Conselho Executivo da Unesco

O camarada Mário Cabral, membro do Comité Central do PAIGC, deslocou-se à França, na passada quarta-feira, para participar na 165.ª sessão do Conselho Executivo da Unesco, organismo de que é membro.

Durante os trabalhos, que decorrerão de 23 deste mês a 30 de Setembro, na capital francesa, os participantes verificarão o cumprimento das decisões da última sessão e discutirão o plano a médio termo (84/89).

Após esta reunião do Conselho Executivo da Unesco, que deverá igualmente preparar a sessão extraordinária da Assembleia Geral, a ter lugar no mês de Setembro, o camarada Mário Cabral visitará a Bélgica, onde prevê efectuar contactos officiosos a nível do Ministério dos Negócios Estrangeiros dos dois países.

Passageiros clandestinos

Quatro africanos que viajavam clandestinamente num barco espanhol «Luís Calvo» cujo destino é Las Palmas, foram descobertos na quarta-feira passada pe-

lo capitão deste barco, soube-se na quinta-feira, através de notícia veiculada pela imprensa. Tratam-se de Guilherme Alexandre de Pina e Infali Danso,

da Guiné-Bissau, e Daniel Lopes Mendes e Chincago Rodrigues, de Cabo Verde. Todos eles tinham embarcado em Dakar.

Representante da UNESCO em Bissau

Para incrementar a cooperação em matéria de Informação entre a Unesco e os órgãos de Comunicação Social da Guiné-Bissau, encontrou-se na nossa capital desde quarta-feira, senhor Alcino Louis da Costa,

Chefe da Divisão da Imprensa da Unesco em Paris.

A missão classificada por aquele responsável como de «conhecimento da situação, as dificuldades e necessidades dos órgãos de informa-

ção nacional» permitirá ainda a apresentação do material de informação da Unesco que retrata a sua actividade nos domínios da Educação, Ciência, Cultura e Comunicação.

Alcino Louis da Cos-

ta, que visitou ontem a redacção do Jornal «Nô Pintcha», devendo deixar Bissau na próxima quarta-feira, será recebido em audiência pelos Ministros da Informação e Cultura e da Educação Nacional.

Responde o povo

Produtos importados estragam-se nos Armazéns. Como?

É frequente ver carros carregados de produtos estragados sob olhares incrédulos dos transeuntes, rumo aos subúrbios da cidade para serem despejados.

Inquirimos alguns populares sobre o tema: falta de produtos, produtos que se estragam. Como?

OS DIRIGENTES NÃO TOMARAM MEDIDAS A SÉRIO

Victor Machado (Sida), 22 anos. «Eu em particular quando oiço os dirigentes falarem de dar prioridade à importação dos produtos de primeira necessidade, sinto grande orgulho de pertencer a este país em que os dirigentes são capazes de entender as necessidades básicas do povo. Mas até este mo-

mento mais de metade de mercadoria importada estraga-se devido à negligência de alguns responsáveis.

Referindo-me a estes problemas, acho que é necessário discutir e dar uma solução eficaz. Porque muito embora digam que o povo deve ajudar, coisa que não nego, mas se os dirigentes decidirem realmente acabar com todas estas práticas que têm ar-

ruinado o nosso comércio, acho que já não se repetiriam casos de género. Os nossos dirigentes têm meios para liquidar qualquer tipo de corrupção ou de sabotagem à nossa economia.

Para fundamentar o meu ponto de vista, posso dar exemplo da mancarra que é o nosso maior produto da exportação: há tempos, todas as ruas de Bissau eram transformadas em autênticos mercados deste produto. Posso até dizer que mais de 20% das casas de Bissau eram mercados de mancarra. Mas uma vez tomadas medidas pelo nosso Governo para com

tal prática, pode-se dizer que o comércio clandestino de mancarra foi praticamente eliminado».

A CULPA CABE À DIRECÇÃO DO COMÉRCIO

Domingos de Barros, funcionário do Ministério do Desenvolvimento Rural - «O meu ponto de vista neste aspecto, é que os produtos, uma vez chegados ao país, devem ser vendidos ao público o mais depressa possível, porque muitas vezes alguns chegam em mau estado, e com a demora nos armazéns,

apodrecem, o que traz consequências nefastas para a nossa já débil economia. Entretanto, penso que, em vez de deitar estes produtos fora, deve-se oferecê-los às camadas mais desfavorecidas, porque muitas vezes nem todos se encontram estragados. Para concluir, penso que a culpa cabe à direcção do comércio».

PORQUE GUARDAR OS PRODUTOS TANTO TEMPO?

Martinho Monteiro Macedo, 21 anos, morador no bairro de Tchada - Penso que a direc-

ção dos Armazéns do Povo e da SOCOMIN estão implicados no que diz respeito aos produtos que se estragam. Porque há bem pouco tempo verificou-se um dos casos no Armazém de Bolola em que o açúcar se estragou por se encontrar tanto tempo guardado, enquanto a população sente a falta do mesmo. Se não há armazéns apropriados para guardar estes produtos, porque guardá-los tanto tempo? Por outro lado, este tipo de stokagem causa muitas bichas. Para concluir, penso que se ainda se verificam as bichas, isso deve-se ao açambarcamento dos produtos».

Soempa possibilita redução de importação de vários produtos

A SOEMPA (Sociedade de Empacotamento da Guiné) é uma empresa privada com possibilidade de reduzir a nossa importação no mercado de alguns produtos, nomeadamente velas, pacotilhas de açúcar e lixívia.

Esta empresa foi criada em 1974 e desde essa altura tem funcionado com uma série de dificuldades. Por exemplo neste momento, segundo infor-

mações fornecidas pelo responsável, a empresa reduziu a sua produção em 50 por cento devido à falta de matéria-prima. Além disso somente duas máquinas estão a trabalhar, o de fabrico de velas que iniciou a produção em Abril deste ano e que normalmente produz 10 mil velas por dia e com cortes de energia eléctrica quatro a seis mil e a do fabrico de gelo que produz cerca de 80 barras diárias.

As máquinas de produção de lixívia e de empacotamento de açúcar estão avariadas desde 1976 e o proprietário disse-nos que ainda não tem possibilidades de as pôr a funcionar.

A par disso, a empresa enfrenta outras dificuldades nomeadamente a colocação de seu produto (velas) no mercado local. As duas empresas comerciais, a Socomin e os Armazéns do Povo que dantes compravam as velas a 8,50 pesos cada,

pretendem de momento comprá-las a 5,50 pesos o que o responsável discorde, embora as Finanças tenham fixado o preço de 8,50 pesos cada.

A concluir, o responsável da SOEMPA, sita na rua 13, junto do Estádio Lino Correia, precisou que sem autorização de importação de matérias-primas não poderá resolver os problemas da empresa nem fazê-la funcionar normalmente.

Movimento marítimo

Estão previstas, durante o mês em curso, chegadas a Bissau de três navios estrangeiros de longo curso, segundo informações que recolhemos junto de um alto funcionário da empresa marítima «Guinemar».

Tratam-se dos navios «Bel Sol» com a data da chegada marcada para hoje, transportando arroz, entre outros produtos, «Quelimane» que deverá chegar no próximo dia 27 contendo carga geral e por último «Aprost Silver Beach» sem data registada, trazendo sobretudo milho.

Recorde-se que já tinham chegado à nossa capital no início do mês em curso, os navios «Aleksandra Artjukhina» de nacionalidade soviética que descarregou cimento, e ainda o português «Cabo Bojador» contendo géneros alimentícios nomeadamente batata e cebola, além de grande quantidade de cápsulas para a Cicer.

Lixo e mosquitos ...

Grande número de crianças e adultos têm sido internadas ultimamente no hospital com paludismo.

Como se sabe esta doença é provocada essencialmente pela picada de mosquitos que infelizmente são praga este ano em Bissau. Os mais velhos dizem mesmo que nunca viram tantos mosquitos na nossa capital como nesta época das chuvas. A situação agrava-se ainda mais devido à escassez de insecticida no mercado local.

Mas o que tem provocado tanto mosquito? É a falta de higiene nas ruas. Apesar de ter recebido contedores, o Comité de Estado da Cidade de Bissau não tem

conseguido evacuar todo o lixo da cidade. Continua haver grande quantidade de lixo amontoados nos passeios, nas bermas das estradas, etc. A comissão de sa-

neamento da Direcção Geral da Saúde Pública tem que voltar a trabalhar em força para fazer de Bissau uma cidade limpa, sem mosquitos e sem doenças.



Roubo na Socomin

Um roubo perpetrado anteontem à noite no Armazém Central e no Supermercado da Socomin, rendeu ao «visitante nocturno» a importância de 51 000,00.

Segundo as declarações do encarregado geral do Armazém Central, camarada Inácio Monteiro Macedo, e do

Supermercado da Socomin, camarada António Rocha Brandão, o assaltante teria entrado pela antiga loja «Mário Lima» e dirigido ao Armazém Central.

Como não encontrou nada de valor no local, seguiu para a parte do Supermercado, onde forçou as gavetas da se-

cretária tendo encontrado aí a quantia de 20 000 pesos em notas. Em seguida, o assaltante que ainda não foi encontrado, entrou para um cubículo anexo tendo levado um saco que continha 31 900,00 em moedas. Neste momento o caso encontra-se entregue a agentes de Investigação Criminal.

Desvio e utilização do património nacional

Os responsáveis do Ministério da Educação Nacional têm todos os anos graves problemas no que respeita à confecção de novo mobiliário para colocar em todas as escolas do país visto que quando termina um ano lectivo, os alunos levam para as suas casas carteiras, mesas, cadeiras, quadros,

lâmpadas, mapas e até portas.

Para ilustrar o facto, disseram-nos no Ministério da Educação que durante o ano lectivo de 1980/81 a escola do Ensino Básico Complementar Justado Vieira funcionou com mobiliário completo. Já no início do ano lectivo seguinte para que as au-

las pudessem começar foi preciso organizar uma campanha de recolha desse material nas casas dos pais e encarregados de educação dos alunos desse estabelecimento de ensino. Num dia de «rusga» recolheram mais de 80 carteiras.

Além disso, constatou-se em quase todas as escolas actos de indis-

ciplina em que os alunos partem vidros das janelas chegando mesmo a deixar o mobiliário inutilizável.

Assim, o Ministério da Educação Nacional faz questão de apelar os pais e encarregados da Educação a verem esta questão e a educarem os seus filhos no sentido de evitarem esses actos.

Acidentes de viação

Nos quatro acidentes de viação registados na semana de 9 a 17 do corrente mês não houve vítimas a lamentar. Há a salientar apenas um ferido e danos materiais.

No dia 17, pelas 7,35 horas no cruzamento da 2.ª avenida de Cintura, Rua Corca Só, largo dos Combatentes Desconhecidos e estrada particular de acesso ao Bairro de Sintra, o condutor de veículo CA-2758, por não ter dado prioridade, foi embatido pela viatura CA-1890. Do acidente registaram-se um ferido e danos materiais.

Ainda no mesmo dia, pelas 20 horas, na 2.ª avenida de

Cintura o veículo CA-1695 que circulava fora de mão foi embater na viatura SP-8646 que se encontrava estacionada tendo provocado danos materiais.

Por outro lado, no dia 16, pelas 20,20 horas, registou-se um acidente na auto-estrada em construção em que o condutor do veículo CA-2478, por não ter dado prioridade, colidiu com o automóvel CA-0048. Houve igualmente danos materiais.

Também no dia 14, pelas 8 horas o veículo CA-1404 que se encontrava estacionado no meio do eixo da via foi embatido pela viatura ITG-0014, tendo havido apenas danos materiais.

Ouçã a RDN

NOTICIARIOS — 7H — 13H — 23,50H — em português e crioulo.

INFORMAÇÕES DIVERSAS — 12,45H — 18,40 — em português e crioulo.

PROGRAMAS PARA HOJE — 14H, Prevenção Rodoviária — 15H, «Blufu» — 15,45, Tempo para Desporto — 21H, Rádio Escolar — 22H, Fim de Semana.

DOMINGO — 7,10H, Educação Sanitária — 9H, A Voz dos Trabalhadores — 12H, Fala de

África — 13,30 e 20,30, Rádio Libertação — 15H, Programa das Mulheres — 15,45, Rádio Juvenil — 21H, Elevemos o nível dos nossos conhecimentos — 22H, RDN e a cooperação internacional.

SEGUNDA-FEIRA — 21H, Actualidade Sonoras — 22H, Música de todos os tempos.

TERÇA-FEIRA — 21H, Tempo para Desporto — 22H, O mundo da Ciência e da Técnica — 23H, «Magazine» 82.

Tempo

Boletim meteorológico fornecido pelo observatório de Bissau, das zero às 18 horas de ontem:

Temperatura máxima do ar 30 graus.

Temperatura máxima média para o mês 30 graus.

Temperatura mínima do ar 26 graus.

Temperatura mínima

média para o mês 23 graus.

Humidade máxima 91 por cento. Humidade mínima 70 por cento.

Vento predominante do Sul com velocidade média 15 km/h.

Vento máximo do Sul com velocidade de 41 km/h.

Precipitação: 2,5 milímetros.

Farmácias

HOJE — «Pindjiguiti» — Rua Guerra Mendes, telefone 212460.

AMANHÃ — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 212702.

SEGUNDA-FEIRA — «Belém» — Bairro de Belém, telefone 213473.

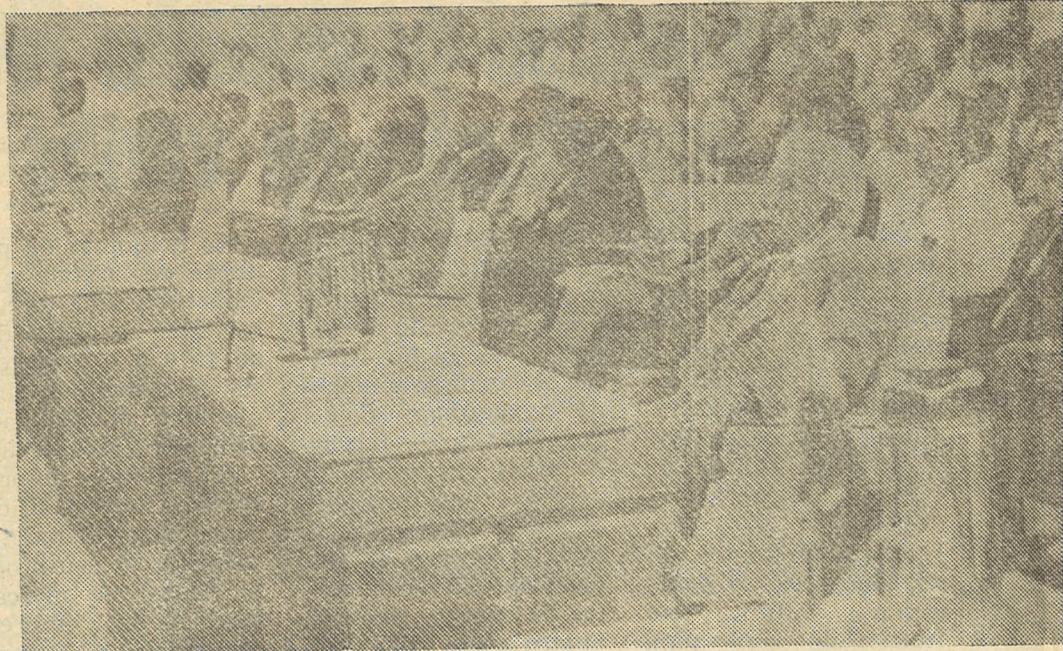
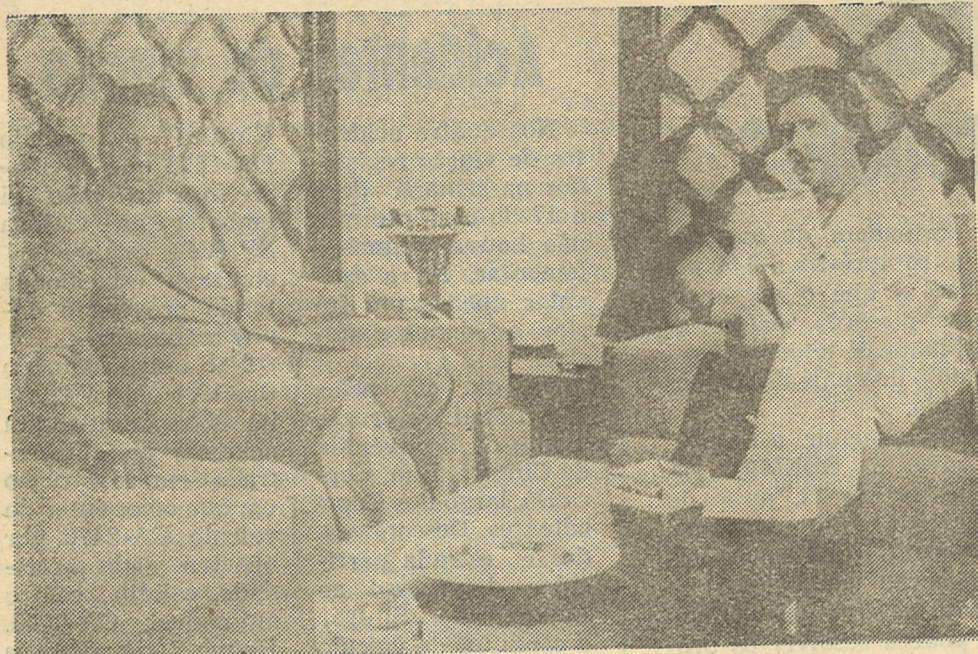
TERÇA-FEIRA — «Higiene» — Rua António N'Bana, telefone 212520.

Cinema

UDIB — Matinée — «O juiz e o assassino».

Soirée — «Ajuste de contas».

BAIRRO DE AJUDA — «A outra face de Roma».



Uma arma de luta ou faca de dois gumes

Do enviado especial

«Não há liberdade nem unidade sem total libertação». Este é um dos lemas basilares que norteiam os princípios fundamentais da Organização da Unidade Africana. A libertação em primeiro lugar, de modo a permitir uma luta comum pela unidade e desenvolvimento social e económico dos países independentes. Como será possível essa unificação continental sem a libertação da África Austral e do Sahara? E quem duvida da legitimidade da luta desses povos pelo alcance da autodeterminação e da independência?

No seu livro, «A África deve unir-se», Kwame N'Krumah assinava «Não vejo possibilidades de segurança para os Estados africanos se os seus chefes não estiverem claramente conscientes de que a salvação da África está na sua Unidade... Porque é na unidade que reside a sua força. Na minha opinião, os Estados africanos terão de escolher entre unir-se ou desintegrar-se individualmente, vendendo-se aos imperialistas e colonialistas por um prato de sopa».

É um apelo à consciência nacionalista pan-africana que, ao longo

de quase 20 anos, alimentou esperanças de um amanhã unido, capaz de dar resposta a todos os obstáculos do progresso. Uma necessidade, sim, para atingirmos um fim grandioso. Mas, da necessidade de fazer algo ao alcance de um objectivo tão vasto, vai uma longa distância.

Basta reflectirmos sobre a evolução do processo da luta de libertação dos povos africanos a partir dos anos 60. A projecção dos nossos países no concerto das nações soberanas do mundo, assim como o impacto provocado pelas decisões conjuntas dos membros da organização na solução dos problemas mais candentes do Continente, apesar de todas as contradições que o enfermam, dão-nos a faculdade de considerar como positivo o balanço da existência da OUA, ao contrário de um certo pessimismo nas análises daqueles que deixam crer que «o nascimento da OUA parece representar um certificado de óbito das ambiciosas ideias do panafricanismo sustentado pelo profeta Kwame N'Krumah».

Contudo, sejamos francos de o reconhecer, esse balanço correrá riscos de desmorona-

mento, se a indiferença, o deixa andar e os falsos pretextos ocultamente manobrados, como os que envolvem a actual questão da admissão da RASD na OUA, continuarem a persistir.

Reflectir sobre 19 anos de OUA é meditar nas condições de luta e de opressão que entravam a libertação dos povos da África Austral e do Sahara Democrático. Medir os progressos de 19 anos de luta pela unidade no seio da OUA, é lamentar a situação sangrenta que continua a abalar os povos do Tchad e é recordar um pouco as vergonhosas contradições e incoerências reflectidas nas ambíguas tomadas de posição de vários chefes de Estado, ontem, aquando da segunda guerra de libertação de Angola e, hoje, sobre a legítima admissão da RASD na OUA.

Porque, paralelamente às grandes vitórias alcançadas, a verdade é que a Organização da Unidade Africana sofre e continua a sofrer fortes influências negativas, resultantes não menos da pouca coesão entre os Estados, provocada essencialmente pelas divergências de opções ideológicas e de princí-

pios políticos que os orientam.

Um articulista da «Afrique-Asie», Fausto Guidice, chegaria mesmo a considerar a OUA «uma universidade dos conflitos», embora a nossa convicção nos leve a classificá-la num outro sentido: uma universidade de ensinamentos a partir dos quais os nossos dirigentes em África devem corrigir os erros do futuro.

Por isso, não seria ousadia negar que a reunião de Tripoli constituiu um fracasso. Representa apenas o reflexo de tantos problemas que dividem o nosso Continente e que não tiveram o começo em Tripoli. Muitos chefes de Estado consideram ser bastante significativa a Conferência informal de Tripoli, por ser a primeira vez na história de OUA que um número tão elevado de chefes de Estado (além dos chefes de Governo ou seus representantes) se encontra junto de uma só vez. Os 32 representantes de Estados presentes constituíram a larga maioria, se o «quorum» fosse avaliado pela maioria simples. Mas, dos 51 Estados africanos, havia necessidade de 34 para se atingir os dois terços, como

a Carta da OUA estabelece.

A 19.ª sessão ordinária ficou por convocar-se novamente no mesmo local. E pensamos que o lugar da sua realização não deve ser posto em causa, pois o que lá se vai discutir não são os projectos individuais do dirigente desse lugar, mas sim o conjunto dos problemas que dificultam a marcha para o nosso progresso e a procura de soluções para uma estratégia comum de libertação do domínio es-

trangeiro para o desenvolvimento.

O momento é acima de tudo de responsabilidade e de opção. Mais do que ninguém, compete aos dirigentes africanos prosseguir a luta pela consolidação das vitórias já alcançadas no caminho da defesa intransigente dos interesses primários da libertação total do Continente, da soberania dos Estados e construção de suas economias independentes.

Uma luta de tomadas de posições firmes e justas para que a OUA



Moção: Jornalistas africanos solidarizam-se com a

A ausência de «quorum» para a 19.ª sessão ordinária da Conferência de chefes de Estado africanos, constituiu preocupação não apenas das delegações oficiais presentes em Tripoli, como também de todos os africanos que sentem na OUA uma força capaz de ajudar o desenvolvimento retardado do nosso Continente.

O exemplo disso é a moção de apoio à OUA e de descontentamento e pesar subscrita pelos jornalistas africanos que estiveram em Tripoli, em serviço, devido à ausência de certos chefes de Estado e de Governo, que não permitiu a realização da Conferência normal. Os jornalistas da Guiné-Bissau

que testemunharam o acontecimento, não perderam essa oportunidade e assinaram a moção.

«Lamentamos que o apelo solene lançado a 6 de Agosto de 1982 por 30 chefes de Estado, de Governo ou seus representantes ficasse, em contrapartida, sem resposta, se bem que

exprime uma manifesta vontade de diálogo fraterno e de compromisso, conforme a moção «déstia africana» — sublinha-se nessa declaração.

— «Denunciamos a situação de bloqueamento fácil que caracteriza a actual OUA. Denunciamos com o mais alto vigor de que esse blo-

queamento é o resultado de manobras e de pressões de superpotências extra-africanas, cuja ofensiva agressiva se manifesta tanto no Continente Africano como no Médio-Oriente;

— Somos conscientes que esta situação de bloqueamento deliberado, se se perpetua, porá em perigo o futuro da Organização da Uni-

dade Africana e arruinará o ideal dos nossos velhos e o progresso da Juventude Africana;

— Desejamos que os nossos chefes de Estado e de Governo se esforcem para se sobreponham às dificuldades, no interesse superior do nosso Continente, a fim de revelarem o empenho aos nobres princípios, a

Futebol - Ao cair do pano...

Por Tony Delgado

Assim, não vamos longe... não vamos a lado nenhum!

É triste e lamentável chegar-se a esta terrível conclusão, caros leitores e amantes do Futebol mas, a verdade é só uma: o Futebol Nacional vai nú.

Ao cair do pano sobre mais um Nacional de Futebol, urge fazer-se uma análise consciente, sem sentimentalismos, afastando dessa análise todas as paixões clubistas e bairristas e, sem medo de ferir susceptibilidades, apontar os erros cometidos, as indefinições no campo das realizações e, finalmente, anular a via do «deixa-andar e não te rales» a que o nosso futebol se viu relegado de há alguns anos a esta parte.

Acaba um Nacional de Futebol e começa o que se lhe segue, sob o mesmo signo: o signo do «vira o disco e toca o mesmo». Às vezes, para variar, aparece um ou outro Campeonato mais polémico, trazendo de permeio umas quantas declarações de protesto, faltas de comparência, arbitragens «habilitadas», pactos entre dirigentes e jogadores de clubes intervenientes enfim, uma série de situações anómalas que desvirtua a essência que encerra o Desporto: criar um espírito são para um corpo são, num Homem Novo que a Revolução está forjando.

De há muito se impõe uma enérgica tomada de posição por parte de entidades superiores do nosso País, no sentido de mudar o sistema em que o nosso Futebol está inserido, sistema concebido em moldes que já provaram não servir para o seu real desenvolvimento. Desde a primeira instância criada — o Sub-Comissariado de Estado para a Juventude e Desporto, passando pelo Conselho Superior dos Desportos e voltando agora para a Secretaria de Estado para a Juventude e Desporto, — sempre se constatou por parte de observadores mais atentos, a inoperância de tais órgãos para gerir ao mesmo tempo uma pesada carga de tarefas tais como: Actividades desportivas extra-escolares — Massificação de todas as modalidades desportivas — Acampamentos Nacionais de estudantes — Futebol, etc. etc. Para

que se possa sair airoso desta situação, uma das primeiríssimas coisas a fazer é criar-se um Departamento Nacional de Futebol, ainda que sob tutela da Secretaria de Estado da Juventude e Desporto mas, com autonomia administrativa-financeira permitindo, a esse Departamento, debruçar-se apenas sobre os problemas que afectam o Futebol. A partir de aí, a Secretaria de Estado libertar-se-ia dos problemas do futebol e ficaria em melhores condições de orientar a nossa Juventude em outras múltiplas actividades que estão sob a sua responsabilidade. Sem a aplicação desta alternativa, julgamos jamais ser possível atingir o real desenvolvimento futebolístico por que todos nós ansiamos.

Grandes males enfermam o nosso Futebol. No entanto, sempre ouvimos dizer que, «para grandes males, grandes remédios»! Ora, se muito atentamente nos debruçarmos sobre toda a problemática da vida do nosso País; se não dissociarmos o problema — Futebol do todo nacional; se não separarmos o Futebol do desenvolvimento global e harmonioso que se pretende em todas as esferas da vida nacional, verificamos que, desde a libertação total do País que o Futebol tem seguido as mesmas linhas de orientação, sem se esboçar uma leve mudança que proporcione a sua melhoria.

Sabemos que o País vive de muitas carências e que essas carências afectam todos os sectores e que o Futebol não pode estar fora dessas influências. O Futebol não pode exigir do Governo aquilo que este não está em condições de dar aos outros demais sectores carecidos. Sabemos, de antemão, que os Sectores de produção merecem maior atenção por parte do Governo mas, também sabemos, que há sectores da vida nacional que não são considerados produtivos como o Futebol e que têm merecido atenção especial por parte do Governo.

Dentro da ideia de levar o Desporto a todos os cantos da nossa terra, criou-se um Campeonato Nacional de 16

clubes, permitindo a participação de todas as Regiões e Sectores, por mero sentimentalismo, só porque aqueles que se lhes não desse a oportunidade de participar, podiam ficar melindrados, diziam que assim não é Democracia. Preferiu-se então enveredar pela demagogia, dando oportunidade a todos, criando uma coisa bastante grande só que, a acompanhar um Campeonato tão alargado como o nosso, esqueceu-se que se tinham de criar condições a todos os níveis, condições até hoje inexistentes e que, portanto, fazem fracassar o nosso Futebol. Isso de Campeonato com 16 clubes era no tempo do Senhor das grandiosidades, no tempo dos Complexos Agro-Industriais, das Auto-estradas, dos Liceus, de todas as casas de tabancas mais recônditas da nossa terra com luz eléctrica e água canalizada, etc... etc...

O 14 de Novembro foi o despertar de sonhos maquiavélicos em que estávamos embalados. Foi o despertar das consciências para uma vida mais de acordo com as nossas possibilidades, mais de acordo com os condicionalismos a que estamos sujeitos... Mas, parece que o 14 de Novembro ainda não chegou ao Futebol. Ele ainda vive os tempos bastante frescos da outra Senhora.

O nosso Futebol, vivendo como qualquer outro sector da vida nacional dos condicionalismos a que todo o País está sujeito, deve ser concebido na base desses condicionalismos. Desde a falta de transportes de ligação marítima, a que obriga os clubes que visitam Boluma, Tite e Catió, a não se deslocarem e vice-versa, passando pelas equipas de arbitragem que raras vezes se deslocam a essas localidades, pela falta de alojamento e alimentação para atletas e árbitros que se deslocam não só a essas localidades como também a muitas outras zonas do nosso País e, culminando na falta gritante de verbas para a prática do futebol? Muitas potencialidades e faculdades natas se perdem pelo cami-

o que temos, o nosso Futebol deve ser pensado, repensado e relançado em bases novas, para que ele possa sair do marasmo aonde ele está metido. A acrescentar aos condicionalismos atrás citados, temos ainda a grande dispersão de valores que militam nos nossos 16 clubes inscritos e que, se se pudesse agrupá-los dentro de um número restrito de clubes, seriam mais úteis, teriam mais oportunidade de desenvolver as suas faculdades e capacidades. A concentração de valores, a união de forças faz com que qualquer órgão se sinta fortalecido. Ao contrário, a sua dispersão, provoca o enfraquecimento. É como uma árvore frutífera que, quanto maior é a ramagem, menor é a sua fertilidade e, quanto menor é a ramagem, maior é a sua fertilidade. Vendo o problema sob este prisma, é importante e impõe-se de imediato, a redução de clubes participantes no Nacional, de conformidade com a realidade do País, de conformidade com a situação sócio-económica que atravessamos. Depois, quando o País se tornar auto-suficiente, voltaremos então à experiência de 16 clubes e até mais, se as condições do País assim o permitirem.

Para se pôr a funcionar o Futebol em pleno, no País, o organismo que o superintende tem que ter verbas suficientes, tem que planificar no momento exato, tem que fazer uma política de captação de jovens em idade da prática do futebol, para que muitos valores que nascem não se percam pelo caminho. Temos tido, de alguns anos a esta parte, apenas provas para Seniores: Duas provas apenas: o Campeonato Nacional e a Taça da Guiné. Ora, se não há estruturas, se não há verbas, se não há uma planificação correcta da viabilidade de um Campeonato de Reservas e outro para Júniores, entre os clubes filiados, como é que se pode ter aproveitados todos os valores que despotam para a prática do futebol? Muitas potencialidades e faculdades natas se perdem pelo cami-

nho, porque não se promoveu nada para que os jovens demonstrassem e desenvolvessem as suas habilidades. Assim, quando atingem a idade de Seniores, nem todos têm acesso à prática do futebol, porque os clubes têm um número limitado de atletas que podem receber devido às suas débeis estruturas económicas. Como exemplo, da inexistência de um calendário para competições júniiores, temos o Campeonato de Reservas que se pôs a funcionar este ano, depois de longo tempo de interregno. Podemos considerar, (embora a iniciativa da Federação Nacional de Futebol de pôr de novo as Reservas a funcionarem seja de louvar), que a ideia foi posta em prática muito tardiamente, o que contribuiu para o fracasso a que o tal campeonato se reduziu. As faltas de comparência, tanto das equipas intervenientes como das de arbitragem, marcaram sobremaneira esta prova. A Federação limitou-se a realizar os sorteios, a elaborar o calendário e a marcar os jogos. Aos clubes competia dar cumprimento ao emandado pela Federação só que, muitos deles, marimbaram pura e simplesmente nos jogos que a Federação marcava. Mas onde é que está o mal afinal? Os clubes e o público, em geral, sempre reclamaram pela realização do Campeonato de Reservas. A Federação foi ao encontro dos seus desejos e, chega-se ao fim com dois terços dos jogos não realizados e sem um vencedor encontrado. De quem será a responsabilidade deste insucesso? Será da Federação que pôs a andar a máquina muito tarde? Será dos clubes que não deram cumprimento à realização dos jogos? As perguntas ficam no ar! Do nosso lado, adiantamos: a culpa nem é de Gregos nem de Troianos. A culpa advém da maneira como o nosso futebol está sendo olhado. No entanto, apelamos de novo às entidades máximas do País para uma enérgica e imediata tomada de posição no Sector de Futebol, sem o qual não vislumbramos um futuro radioso para os nossos vindouros.

OUA

na Carta e aos engajamentos solenemente optados;
— Apelamos a todos os nossos irmãos africanos a esforçarem-se sempre no sentido do esforço da Unidade Africana».

Assinados,

Jornalistas Africanos

Carlos Edmundo: "O Conselho Técnico não tem cor"

Um curso intensivo sobre Leis de Jogo e Regulamentos a ministrar aos membros e delegados dos clubes, foi a proposta avançada pelo camarada Carlos Edmundo, presidente do Conselho Técnico da Federação Nacional de Futebol. O Conselho Técnico analisou oito casos de protesto no campeonato findo, tendo «chumbado» seis, por normalmente os «pacotes» apresentados serem elaborados em «erros de facto». A equipa do Sporting «bolou» quatro contos à FNF com dois protestos que não levavam a «carga suficiente». A UDIB teve sorte no controverso despique com o Ajuda Sport e, segundo o camarada Carlos Edmundo, «o árbitro fez tudo para que o protesto da UDIB fosse declarado improcedente». O Benfica não avançou com nenhum protesto e, quando «apalpava» o terreno, previamente «os aconselhava a não desperdiçar o tempo e dinheiro», afirma o nosso entrevistado.

Pontos somados na secretaria, recurso que muitos clubes «jogam» quando no terreno as coisas saem tortas. As pressões e subornos de «consciências» vivem a par das opções clubistas. Que fazer!?

Na entrevista que nos concedeu o presidente do Conselho Técnico, tentámos clarificar certas situações que geraram polémicas. Assim, as tentativas de pressões para «torpedear» o trabalho dos membros do Conselho, as ingerências vindas da cúpula da Federação, foram analisadas.

Segundo informações que recolhemos, alguns casos apresentados pelos clubes foram rejeitados por não cumprirem o estipulado pela Lei. Para o Conselho Técnico quais são as medidas a adoptar a fim de evitar casos análogos no futuro?

O presidente do Conselho Técnico abre uma pasta e aponta o dedo: «Aqui estão arquivados todos os casos. Efectivamente, analisámos oito». Mostra-se à vontade, folheia e continua a descrever: «Vamos começar a analisar cada caso, visto que, geralmente nos comunicados oficiais da Federação, os protestos são anunciados como procedentes ou improcedentes». Os pareceres dos membros do Conselho Técnico nunca aparecem e em suficientemente descritos nos comunicados, daí pairarem certas dúvidas quanto à imparcialidade na análise dos protestos. Assim, tornava-se evidente para o presidente do Conselho Técnico abordar em retrospectiva as tentativas de certos clubes em «arrecadar» os pontos na secretaria. O erro de direito e o erro de facto. Questão-chave na análise de qualquer protesto. Para já, o nosso entrevistado especifica exemplificando que «a anulação de um golo de pontapé de canto» — atenção! — protestando o clube lesado, «o protesto pega, pois que é um erro técnico» — mas, «a validação de um tento considerado fora-de-jogo» — cautela! — protestando, o árbitro «come» pois que «houve erro de facto e a Lei facultava ao juiz da partida em ajuizar se houve ou não fora-de-jogo».

«NÃO HÁ INTENÇÕES OCULTAS NO JULGAMENTO DOS CASOS»

A maior parte dos protestos aparecia carregados de «julgamos», «pensamos» e «o árbitro

teve a intenção», fundamentos esses que não são passíveis de se considerar como erros técnicos. Dos casos revisados pelo camarada Carlos Edmundo, somente o Bula F.C. arrecadou os dois pontos por ser correcto como este clube fundamentou o seu protesto no jogo realizado contra o Desportivo de Gabú.

A UDIB, foi a equipa que inaugurou a avalanche de protestos. Esta equipa, ao defrontar o Desportivo de Gabú, no Lino Correia, em 30 de Dezembro do ano findo a contar para o nacional de futebol, alega que «fora-de-jogo inexistente e a reposição de bola ao solo; e a segunda parte decorreu 40 minutos». O Conselho Técnico, ouvido o árbitro em declarações, verificou que o protesto era improcedente pois que as alegações udibistas não se baseavam em erros técnicos mas sim em erros de factos sem apelo. O juiz da partida acapitar, «reparou o seu erro com a execução de bola ao solo» e também ao dar por terminar a partida, como único cronometrista em campo ter declarado que «os seus fiscais ao fazer-lhes o sinal do tempo regulamentar estes terem concordado».

Em seguida, devido a vários factores, os protestos para serem analisados foram acumulando. Duma assentada, cinco protestos iriam ser apresentados ao Conselho Técnico. O Estrela Negra de Bissau contra o Sporting, em 17 de Abril passado, alega que os «Leões» alinharam com o jogador Ciro em situação irregular, pois que o referido jogador fora expulso na semana anterior, em Mansoa, no jogo contra os Balantas «sem que tenha decorrido 10 dias regulamentares». Exacto. O protesto podia ser considerado procedente se... — Ora, Estrela Negra de Bissau

ficou com «as mãos a abanar» por o árbitro do encontro (repescado na bancada), após o inquérito levado a efeito, ter declarado que «errou na expulsão» e, assim, o Conselho Técnico decidiu em face das declarações do juiz da partida «não considerar o protesto, embora expulso, o árbitro não mencionou no seu relatório a expulsão de Ciro, mas sim o número 2, Ildo Afonso que cometera a falta». Entretanto, o presidente do Conselho Técnico justifica-se ao declarar que «não presenciámos o que se passou e temos que ter fé nas declarações dos árbitros».

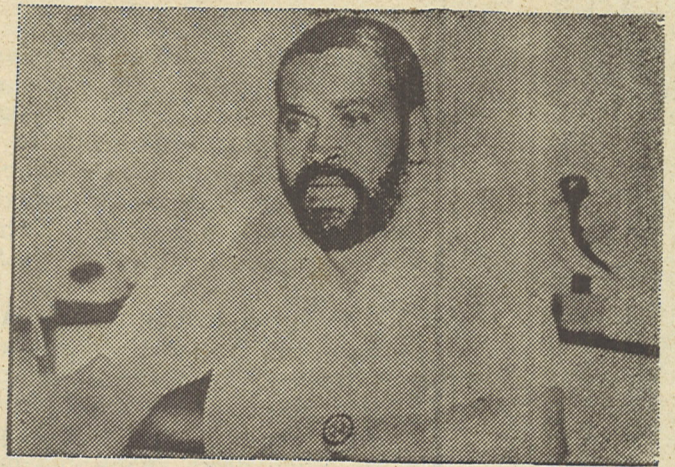
Em seis de Maio, a contar para a primeira eliminatória da Taça da Guiné, o Sporting de Bissau defronta o Benfica, perde e avança com um protesto que criou um clima de «suspense» nos meios desportivos. Vencendo o oleito, os encarnados ficariam «esvaziados» e «os anjos vermelhos» lhes valeriam para concorrerem aos lugares gêmeos, visto que o Sporting alegava que o jogador encarnado, Lamine Sissé, «fora errado quando jogava no Casa Sport de Ziguinchor e não podia jogar em qualquer país que faz parte da CAAF»; e, que o atleta foi mal inscrito; dúvidas quanto a assinatura do jogador na ficha de inscrição». Anteriormente, o Benfica tinha utilizado Lamine Sissé em sete jogos. O protesto foi «classificado» de improcedente por, segundo Carlos Edmundo, «o Sporting nunca ter protestado, pois que o Lamine não era a primeira vez que jogava. Só quando foi eliminado é que se lembrou de fazer barulho. Foi concedido um prazo à equipa do Sporting para apresentar provas, prazo esse dilatado mas, nunca conseguiram apresentar provas. Em face disso, o Conselho

Técnico achou improcedente o protesto». No que se refere à inscrição, «também não convenceu e o desleixo só devia ser imputado aos Serviços da secretaria da Federação. Confrontei as fichas de alguns jogadores estrangeiros e nenhum clube cumpriu o parágrafo primeiro do artigo 61.º. Isto é, a Federação baldou-se. Esteve nas tintas com o cumprimento da cláusula». Pelo que «o Conselho Técnico recomenda a Direcção da Federação que determine maior rigor no cumprimento das normas regulamentares no que concerne à inscrição de atletas, com particular incidência aos estrangeiros, a partir da próxima época».

«O PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO TENTOU INFLUENCIAR»

No entanto, novamente UDIB-Sporting, em 30 de Maio e a U.D. I.B. recorre a protesto que foi considerado improcedente. Em seis de Junho, Sporting-Bafatá e, é o Sporting que protesta. O Conselho decide por improcedência, por o Sporting «não observar o parágrafo segundo do artigo 52.º do Regulamento. Caso tivesse declarado o protesto no local e o árbitro confirmasse os factos, este protesto seria procedente».

Assim, nas mãos dos membros do Conselho Técnico chegam os dois casos mais polémicos e «quentes» que suscitaram muitas dúvidas, deram azo a especulações e agitaram «consciências». Efectivamente, os encontros UDIB-Ajuda Sport e Benfica-Canchungo alimentaram «bocassinhos». Como dizíamos, estes dois casos abalaram as estruturas federativas, chegando ao ponto de um telegra-



ma de um adepto de Canchungo chegar às mãos do Camarada Primeiro-Ministro, protestando. Ora, Carlos Edmundo afirma: «O jogo UDIB-Ajuda foi declarado procedente porque os membros, por unanimidade, confirmam que não houve golo por terem presenciado o jogo. O árbitro não esgotou todos os recursos após os jogadores da UDIB abandonarem o campo apenas alguns segundos, segundo o relatório do mesmo. O jogo Benfica-Canchungo foi considerado improcedente o protesto do Canchungo por ser questão de facto e não de direito e a Lei concede ao árbitro plenos poderes para compensar o tempo perdido. Por outro lado, o árbitro não confirmou a alegação do capitão da equipa de Canchungo de ter apitado antes do golo, e disse que a bola entrou dentro do tempo regulamentar». Pára, e manifesta que o jornalista destaque: «para além do Conselho Técnico há o Conselho Jurisdicional a que se deve recorrer. Se quiséssemos, podíamos rodear a questão UDIB-Ajuda. No entanto, o camarada presidente da Federação tentou imiscuir ao analisarmos a questão B e n f i c a - C a n c h u n g o. Não aceitámos a ingerência. Ele queria que

admitíssemos outro árbitro para assistir às declarações do árbitro do encontro. Isso indignou-nos pois deixava transparecer dúvidas no trabalho que o Conselho Técnico iria realizar». — Nos meios desportivos admite-se que os árbitros «adulteram» os relatórios. Quais as precauções do Conselho Técnico? — «Veja o caso UDIB-Ajuda. Pegamos no relatório do árbitro e demos razão a UDIB. Ele fez tudo para não ser castigado. Normalmente apreciamos o relatório escrito com o protesto e elaboramos os questionários. A partir daí ouvimos o árbitro e comparamos». Contorna e exclama: «Olha!... Há árbitros que têm tendências de se fazerem notar em campo. Uns apitam por tudo e por nada e, acabam por enervar o público e os jogadores. Para mim esses exibicionistas não são árbitros». Uma pausa e confidencia: «Enquanto eu for presidente do Conselho Técnico, enquanto me quiserem lá, o Conselho não será dirigido de fora para dentro...». Pegamos na «deixa» e... Houve pressões de fora!? — «Aparecem, às vezes, algumas pessoas a tentarem insinuar que isso ou aquilo devia ser assim e assado. Não vou nisso. Tem que se respeitar os jogadores e o público».

Anúncios:

Comunica-se aos camaradas candidatos aos cursos de Parteiras auxiliares, Enfermeiros auxiliares e auxiliares do laboratório de análises clínicas, que os exames de admissão terão lugar na Escola Salvador Allende, nos dias 23, 24, 25, e 26 de Agosto, a partir das 8,00h.

Os candidatos devem comparecer munidos dos respectivos Bilhetes de Identidade.

Considerando a necessidade de um controlo

mais eficaz dos gastos do sector público estatal e empresarial como garantia da austeridade que deve presidir nos mesmos.

Determino:

1 — Todos os convites feitos a entidades não residentes para visitarem o nosso país cujos encargos devem ser suportados pela Guiné-Bissau, carecem de autorização prévia e expressa do Primeiro Ministro.

2 — Das autorizações concedidas será dado conhecimento ao Minis-

tério da Economia e Finanças e ao Banco Nacional da Guiné-Bissau.

LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS

Um laboratório ao seu dispor, equipado com material Moderno, e para todo o tipo de Análises, com pessoal qualificado e com grande experiência em Análises de Doenças Tropicais.

Rua do Figueiredo, 2 — (A Calçada do Galvão) Telefone: 64 87 40.

LISBOA

Togo: Ministros sem um mês de vencimento

O presidente da República do Togo, general Gnassingbe Eyadema, anunciou na sexta-feira passada, através da rádio nacional, que decidiu privar de um mês de vencimento quatro ministros, por falta de cumprimento dos horários de trabalho.

De regresso de uma deslocação ao norte do país, o presidente togolês verificou que quatro ministros estavam ausentes, pelo que decidiu aplicar-lhes essa sanção, ao mesmo tempo que lhes impôs que continuassem a assegurar as suas funções.

Há três anos, o general Eyadema já aplicara igual castigo a vários dos seus mais directos colaboradores, que só apareciam ao trabalho às horas que mais lhes convinham ou se ausentavam para se ocuparem de outras tarefas ou dos seus assuntos pessoais.

Um professor da universidade de Nairobi, Alfred Otieno Osanya, foi preso no domingo pela polícia queniana. Outros cinco professores, assim como alguns dirigentes estudantis encontram-se em detenção «administrativa ilimitada» desde há dois meses.

A retirada da OLP de Beirute Arafat deve instalar-se em Túnis

Enquanto as modalidades de evacuação de Beirute pelas forças da OLP estão a ser ultimadas, vários países árabes prepararam-se para acolher os combatentes e civis palestinianos. Prevê-se que o líder da OLP, Yasser Arafat, se instale na capital tunisina, juntamente com uma parte do seu Estado-Maior. Algumas centenas dos seus combatentes residirão no interior deste país.

Prevê-se que o primeiro grupo de mil guerrilheiros da OLP parta por via marítima para a Jordânia. Outros milhares de palestinianos viajarão por estrada para Damasco (Síria) e outros países árabes.

Aparentemente, a única e última condição exigida neste momento por Israel para se iniciar a retirada da OLP, é a devolução de um piloto israelita capturado por palestinianos durante a primeira fase da invasão, iniciada em 6 de Junho.

Por outro lado, a pedido do governo libanês, os primeiros elementos do contingente francês da

força internacional de interposição deviam começar a chegar aos portos de Beirute ontem à noite. Os contingentes norte-americano e italiano deverão chegar depois da evacuação da maioria dos combatentes palestinianos, cuja cobertura será garantida pelas forças libanesas.

Observadores de vários quadrantes afirmam que a retirada da OLP de Beirute está a activar mais do que nunca o problema palestiniano, tornando os sonhos israelitas de anexação da Cisjordânia e Gaza numa guerra sem fim. Os presidentes das câmaras de Gaza e Naplouse, destituídos das suas funções pelos israelitas, sublinharam que a OLP ganhou a batalha política, «a única que conta».

Entretanto, as forças sionistas continuam a reforçar as suas posições no Líbano, desta vez no planalto central de Bekaa com batalhões blindados, prontos a continuar a guerra iniciada em Beirute, agora contra as forças sírias ali estacionadas.

Angola — racistas avançam 250 km

As tropas racistas sul-africanas que ocupam o território angolano ao sul, estão a avançar no terreno em direcção a Huila. Esta localidade foi bombardeada pela aviação inimiga, segundo a agência Angop. Este avanço dos sul-africanos até as posições ao norte de Cuvelai principiou a 19 de Julho findo na província de Cunene, ocupada desde Agosto do ano passado. Os invasores já penetraram mais de 250 quilómetros no território angolano.

Segundo os jornais de Joanesburgo, o general sul-africano Lloyd disse que as tropas da África do Sul só se retirarão de Angola quando for as-

sinado um cessar-fogo com a SWAPO. Esta afirmação significa que os racistas continuam a insistir no argumento já desacreditado de perseguirem guerrilheiros da SWAPO no interior de Angola.

SWAPO ABATE AVIÕES

As forças da SWAPO abateram seis aviões «Mirage» e sete helicópteros sul-africanos, durante violentos combates travados na semana passada no norte da Namíbia, afirmou um comunicado do movimento nacionalista namibiano publicado em Luan-da. Este comunicado da SWAPO coincidiu com

uma notícia do jornal «Star» de Joanesburgo, de que mais caças «Mi-

rage» sul-africanos foram enviadas para o norte da Namíbia.

Tanzânia: Fome ameaça no norte do país

Medidas urgentes têm vindo a ser tomadas pelo governo tanzaniano, a fim de evitar a fome, que ameaça 1 milhão de pessoas na região de Arusha, norte do país.

Provocada pela seca prolongada, esta grave penúria alimentar vai ser combatida graças à requisição imediata de colheitas e a um controlo rigoroso da distribuição dos géneros alimentares, a fim de que as

reservas não cheguem às mãos dos contrabandistas, que os revendem depois noutras regiões e no Quênia.

A agência tanzaniana de Informação (Shihata), indicou que todos os distritos da região de Arusha foram mobilizados para recolher os excedentes de cereais junto dos camponeses e garantir a venda total da produção a um organismo do Estado.

África Austral: O perigo da variante libanesa

O clima de conflito latente que o regime racista da África do Sul faz pairar no sul do nosso continente, através das sucessivas agressões contra Angola e a permanência ilegal na Namíbia, levaram muitos observadores a pensar na possibilidade de uma repetição, na África Austral, da guerra imperialista que o Estado sionista de Israel moveu ao povo palestiniano no Líbano.

O perigo de uma «variante libanesa» no sul de África é real, sobretudo pelo facto de Pretória agir com toda a impunidade que caracteriza a invasão sionista do Líbano. Sem que os países que se autoproclamam defensores da liberdade e da democracia tomem a mínima me-

diada coerciva (embora possam meios para tal), a não ser as ineficazes condenações verbais.

A utilização de métodos brutais por parte de Telavive e Pretória para impôr a sua hegemonia é outro elemento que torna possível a comparação entre o que se passa actualmente no Médio-Oriente e o evoluir da situação na África Austral.

O Tsahal (exército de Israel), tomou como alvo dos seus bombardeamentos maciços tanto os civis como os combatentes palestinianos e libaneses. Nas suas incursões em Angola, o exército sul-africano visa sobretudo a população angolana e os refugiados namibianos. Na europa, quadros da OLP são

assassinados em atentados organizados pela Mossad (polícia secreta israelita). Em Maputo e Harare, militantes do ANC são vítimas de explosões preparadas pelos serviços secretos da África do Sul.

No Líbano, as milícias fascistas de Saad Haddad e os falangistas cristãos serviram de testa de ponte à penetração sionista. Em Angola e Moçambique este papel é desempenhado em proveito do regime do apartheid pelos contra-revolucionários da Unita e do «RNM».

Mas a conjugação destas tácticas só pode ser eficaz se os adversários estiverem desunidos, paralisados pelas suas divergências, manietados pelas contradições dos respectivos regi-

mes. Mais de 200 mil pessoas já morreram no Líbano, mas a Liga Árabe ainda não foi capaz de reunir todos os seus membros e muito menos de assumir uma posição comum.

Frequentemente, os acontecimentos parecem-se, o que não significa que sejam iguais. África também tem sido alvo de pressões de várias espécies, com vista a neutralizar a sua capacidade de acção. A tentativa mais recente foi o boicote da 19.ª Cimeira da OUA em Trípoli.

Entretanto, isso não impediu a maioria dos dirigentes africanos de se reunirem na capital líbia, onde a situação na África Austral foi prioritariamente analisada, tendo-se decidido o reforço da

contribuição da África independente na luta dos povos sul-africano e namibiano, decisão materializada com algumas contribuições militares, financeiras e materiais.

Há outras razões para crer que o drama libanês não se repetirá em África. Contrariamente ao Estado libanês, cuja autoridade é apenas nominal, em Angola e Moçambique o poder controla o país. Além disso, a relação de forças na África Austral é bastante favorável aos movimentos de libertação, pelo que a invasão e as sabotagens sul-africanas contra os países vizinhos surge mais como os sobressaltos do desespero, do que uma prova de força.

CONAKRY — O Japão ofereceu à Guiné-Conakry um lote de material sanitário, de que faz parte ambulâncias, equipamentos de gabinete dentário, dois veículos de radiografia e de colecta de sangue. O Japão participa também na realização de alguns projectos guineenses, nomeadamente no do construção de um barco de transporte de bauxite.

MEDICINA TRADICIONAL

COTONU — Decorre desde terça-feira na capital do Benin um simpósio internacional sobre «as modalidades práticas de integração oficial da medicina tradicional e da farmacopeia na Saúde». Médicos, cientistas e curandeiros de mais de dez países africanos participam neste simpósio.

AGRICULTURA

NOUAKCHOTT — O presidente Mohamed Ould Haidala apelou os mauritanianos «responderem ao desafio da autosuficiência alimentar», ao discursar na cerimónia de abertura da campanha agrícola, depois das primeiras chuvas na Mauritânia. «Uma população que não pode satisfazer, pela sua própria produção, as suas necessidades elementares em alimentos é tragicamente vulnerável, sobretudo neste período de crise em que a justiça, a razão e a moral já não governam o mundo», declarou o chefe de Estado mauritaniano.

MALIANOS

BAMACO — As condições de vida dos malianos residentes no estrangeiro é o assunto em discussão numa reunião de peritos que começou na terça-feira em Bamaco. Segundo as estatísticas oficiais, os malianos no estrangeiro ultrapassam 1 milhão, enquanto a população total do país é de cerca de 7 milhões.

DINAMARCA

COPENHAGA — As perspectivas de eleições gerais antes do final do ano aumentaram na Dinamarca, depois do Partido Radical ter recusado juntar-se ao governo minoritário social-democrata. Os «radicais» defendem que o país necessita de uma maioria que resolva os problemas económicos.

Enquanto continuam a escassear no mercado Géneros alimentícios apodrecem nos Armazéns do Povo

Uma quantidade considerável de géneros alimentícios foi dada por deteriorada pela Comissão de Saneamento, que considerou tais produtos «impróprios para o consumo humano» tendo determinado a sua evacuação e posterior destruição. As operações foram levadas a cabo entre 29 de Julho e 2 do corrente mês nos armazéns n.ºs 1, 2, 3 e 4, na Sucursal da Praia e nas Galerias d'Amura, todos eles pertencentes aos Armazéns do Povo e vêm na sequência de uma campanha desencadeada pela Direcção-Geral da Saúde Pública.

Embora não nos tenham sido adiados números sobre o montante de prejuízos, o volume dos produtos estragados deixa prever perdas de mais de um milhar de contos. Dentre as mercadorias estragadas destacam-se os enlatados, de tomate, feijão, manteiga, salsichas, chispes, sardinhas, atum; alimentos para bebés: sopas knorr, queijo, bolachas, açúcar em pacotes, café, vinhos, vinagres, aguardente,

águes de mesa, ovos, entre outros.

Os números mais significativos dizem respeito a 291 latas de salsichas, 583 latas de feijão verde, 745 latas de ovomaltine, 208 pacotes de cacau, 323 latas de sardinhas em óleo, 2664 pacotes de sopa knorr, 2252 quilos de feijão diversos, 162 quilos de café, 328 pacotes de bolachas diversos, isto tudo apenas no armazém n.º 2. Nas Galerias d'Amura os números recordes referem-se a ovos (169 dúzias), queijo da serra (85 quilos), margarina planta (177 embalagens), presunto (33), margarina primor (62 embalagens), miudezas de porco (29 kg.), batatas (76 kg.) e cebolas (38 kg.).

Segundo informações colhidas junto da Comissão, já foi dado conhecimento ao Governo sobre o ocorrido, ao mesmo tempo que uma nota enviada à direcção dos Armazéns do Povo dá conta das inúmeras deficiências constatadas nos referidos armazéns e que motivaram a deterioração dos géneros. Essas anomalias, de acordo com a mesma nota, vão

desde o mau armazenamento e manuseamento das mercadorias à falta de ventilação, de limpeza e pintura das paredes, passando pela inundação da água ao interior do armazém, neste caso o n.º 4, por o esgoto se encontrar entupido.

FARINHA DE TRIGO ESTRAGADA

A mesma nota contém ainda recomendações consideradas indispensáveis para pôr cobro à situação, evitando deste modo grandes perdas em mercadorias, como ultimamente tem acontecido com frequência. Assim, recomenda-se a limpeza e pulverização geral dos armazéns, a aquisição de estrados para um correcto armazenamento das mercadorias e ainda a melhoria das condições de ventilação dos armazéns.

Entretanto, numa outra visita efectuada posteriormente, a Comissão considerou impróprios 2 498 sacos de trigo, oferta da Arábia Saudita e 1 220 dos 13 146 sacos de farinha de trigo, oferta da Comunidade Económica Europeia. Todos

esses produtos haviam chegado ao país em Junho último, tendo apanhado água durante a viagem, o que motivou a sua deterioração. No caso do trigo, foi determinado o seu envio para o Desenvolvimento Rural, para ser utilizado como fertilizante. Por outro lado, a Comissão foi chamada a intervir no caso do chispe deteriorado nas Galerias d'Amura, num total de cerca de 80 quilos. Os motivos apresentados referem-se à perda do líquido, que originou a alteração das qualidades do produto.

De acordo com as declarações do responsável pela Direcção de Higiene e Saneamento do Meio Ambiente, camarada Carlos Fernando Sani, aquela Comissão pensa alargar actividades a outros sectores, por forma a fazer uma cobertura sanitária mais eficaz. Uma proposta já foi apresentada ao Ministério do Comércio, no sentido de desencadear uma acção conjunta, a fim de evitar futuras perdas de mercadorias e consequentes prejuízos económicos ao país.

Ponto de ordem ... em queda livre

A indústria hoteleira nacional está em queda livre. Será o facto de pertencer ao Estado que este importante sector da vida pública do país, como aliás é palavra corrente, está condenado ao fracasso? Na realidade, os factos são bem evidentes. Mas, o mais grave ainda seria, quando, por erro de execução, estejamos a pôr em causa toda a estrutura e o próprio princípio de orientação em que se assenta. O melhor aqui é pôr factos na mesa e analisá-los de forma crítica ou, se se pode dizer, mais científica.

Para já, o figurino que a indústria nacional nos apresenta a olhos vistos é bastante pobre e limitado nas suas actividades, enquanto que os recursos nacionais oferecem possibilidades para uma maior dinamização do sector. Juntando os estatais e privados, há pouco mais de uma dúzia de hotéis, restaurantes, bares e casas de pasto na nossa capital e em estado minimamente funcional. E os seus nomes pouco interessariam ao cliente comum, se as próprias «limitações» deste país não tivessem dado lugar a uma agudização crescente de certos casos.

De entre tantos, nenhum melhor como exemplo poderíamos tomar aqui, que não seja o Grande Hotel. Talvez a sua localização (privilegiada?) no centro da cidade trouxesse so seus problemas sempre ao conhecimento de toda a gente, a ponto de o tornar numa figura caricata de hotel, merecendo-lhe assim todo o tipo de apelidos depreciativos (taberna, manicómio, tasca, pequeno hotel, ministério dos desempregados). Alguém lamentou um dia na mesa do lado, num certo tom irónico: «foi grande em tempos passados, mas hoje, de grande nada tem».

O único que está de pé, com o mesmo tamanho e no mesmo local, é o edifício. Os dois mangeiros da esplanada frontal, acolhendo sempre a clientela com a sua sombra, fresca e frutos, são os únicos que nunca faltaram ao seu papel, e parece até que cresceram um pouco mais. Tudo o resto, do mobiliário ao pessoal, passando pelos serviços que presta (isto o essencial), está em decadência. Contudo, a clientela mantém no rosto um certo optimismo em que as coisas, um dia, melhorarem.

A situação mantém-se há muito tempo à vista de toda a gente, e o Grande Hotel não parece dar ouvidos à chuva de críticas que os seus frequentadores até já se habituaram a lançar em voz alta. Os seus clientes estrangeiros também não escaparão do deslize, porque a casa deu-se até ao luxo de correr com os comensais, enquanto acumula vários meses de salário dos empregados em atraso. No bar, já não se distingue quem é empregado, cliente ou responsável. Tudo se mistura e se diverte com o que tem e não tem.

Em conclusão: a quem atribuir as culpas desta lamentável situação? Pensamos que o Grande Hotel que citamos como exemplo, como podia ter sido o Sol-Mar, Hotel Portugal ou outro qualquer, deve urgentemente ser recuperado e valorizado.

Estes serviços públicos, por tradição a nível mundial fizeram-se apelar de «espelho do país». Mas, na Guiné-Bissau, conseguiram dar carta branca para especulações aos inimigos das nacionalizações. Até quando se arrastará esta situação?

Enviado de Kampuchea deixa o País

O enviado especial de Kampuchea, Nor Nam Hong, deixou quarta-feira Bissau com destino a Cabo Verde, na sequência da sua digressão a vários países africanos.

Membro do Comité Central da Frente de Defesa e da Reconstrução Nacional e embaixador da República Popular de Kampuchea, Nor Nam Hong chegou a Guiné-Bissau desde sexta-feira passada, tendo sido recebido pelo Presidente João Ber-

nardo Vieira e pelo Primeiro Ministro, Saúde Maria, conforme noticiámos na última edição.

O diplomata kam-pucheano afirmou à nossa reportagem, momentos antes da sua partida, que as autoridades guineenses «reiteram o seu apoio à nossa causa e à nossa luta».

Referindo-se à sua permanência na nossa capital Nor Nam Hong enalteceu «os esforços do povo irmão da Guiné-Bissau para o desenvolvimento».

Assistência económica especial da ONU

Uma delegação da Organização das Nações Unidas estará em Bissau até ao próximo dia 25 do corrente, para elaborar o relatório sobre a assistência económica especial da ONU à Guiné-Bissau.

O relatório deverá ser apresentado à 36.ª Assembleia Geral das Nações Unidas que começa em Setembro próximo.

Chefiada pelo sr. Erick Jensen, representante do Secretário-Geral da ONU e director

do gabinete das Nações Unidas para questões especiais de política, a delegação chegou ontem ao País tendo iniciado, à tarde, reuniões de contacto com todos os Departamentos de Estado.

Recorde-se que a Guiné-Bissau faz parte dos Países Menos Avançados pertencentes à Organização das Nações Unidas.

O sr. Erick Jensen é acompanhado nesta deslocação pelos peritos Sérgio Ramos e Augusto Silvano.

FICHA TÉCNICA - JORNAL «NO PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 - BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Montelero.